

Somos humanos, mas no escuro desejamos a luz | Carta semanal 3 (2022)



Carelle Homsy (Egito), *Egito Livre*, 2009.

Queridos amigos e amigas,

Saudações do Instituto Tricontinental de Pesquisa Social.

Por mais de uma década, Alaa Abd el-Fattah entrou e saiu das prisões do Egito, nunca livre do assédio do aparato militar do Estado. Em 2011, durante o auge da revolução, Alaa emergiu como uma voz importante de sua geração e desde então tem sido uma firme bússola moral, apesar das tentativas de seu país de sufocar sua voz. Em 25 de janeiro de 2014, para comemorar o terceiro aniversário da derrubada do governo de Hosni Mubarak, Alaa e o poeta Ahmed Douma escreveram uma **epístola** comovente de sua masmorra na prisão de Tora, no Cairo. Essa prisão, que abriga Alaa e outros presos políticos, não fica longe do belo Nilo e – dependendo do tráfego do Cairo – não muito longe do escritório do *Mada Masr*, na Garden City, onde a epístola foi publicada. Em cidades como o Cairo, as prisões onde os presos políticos são torturados estão frequentemente localizadas em bairros comuns.

“Quem disse que somos inigualáveis? Ou que somos uma geração encantada?”, escreveram Douma e Alaa, refletindo sobre a ideia de que a revolta de 2011 foi algo excepcional. “Somos humanos”, escreveram eles, “mas no escuro desejamos a luz”. A Rede Árabe de Informações sobre Direitos Humanos **estima** que houve 65 mil presos políticos no Egito desde a tomada do Estado em 2013 pelo presidente Abdel Fattah al-Sisi. Alaa está detido sob várias acusações, mas a maioria delas decorre de uma acusação frívola e maliciosa de que ele organizou um protesto que durou cerca de quinze minutos; por esses quinze minutos ele esteve preso durante grande parte da última década.



Khaled Hafez (Egito), *Forward by Day 1*, 2013.

Quantas pessoas sensíveis em todo o mundo estão detidas em prisões, indiciadas por acusações ridículas? Os relatórios que circulam pela internet – muitos deles de grupos de direitos humanos baseados no Ocidente – não são totalmente confiáveis, pois ignoram ou minimizam o histórico de governos ocidentais e regimes pró-ocidentais. O governo dos Estados Unidos, por exemplo, nega ter presos políticos, apesar de existirem campanhas internacionais para libertar pessoas como **Alvaro Luna Hernandez** (La Raza), os **Cinco da Terra Santa**, **Leonard Peltier** (Movimento Indígena Americano), **Marius Manson** (Frente de Libertação da Terra), **Mumia Abu-Jamal** (MOVE) e **Mutulu Shakur** (Exército de Libertação Negra). “Essas pessoas estão detidas sem justa causa, muitas vezes porque exerceram pacificamente seus direitos humanos – como a liberdade de expressão – ou defenderam os direitos dos outros. Eles podem ter organizado um partido de oposição. Denunciado abusos e corrupção. Participado de um protesto pacífico”. Essas são as **palavras** do secretário de Estado dos EUA, Antony Blinken, em 7 de dezembro de 2021. Ironicamente, suas palavras se aplicam a dissidentes dentro dos Estados Unidos, bem como a dissidentes de aliados, como Arábia Saudita e Colômbia.

Em 20 de dezembro de 2021, menos de duas semanas após Blinken fazer essas observações, o Tribunal de Segurança do Estado do Egito condenou Alaa a mais cinco anos de prisão, juntamente com Mohamed al-Baqer e Mohamed “Oxygen” Ibrahim, que foram condenados a quatro anos cada. Naquela época, o porta-voz do Departamento de Estado dos EUA, **Ned Price**, disse em seus comentários semanais que os EUA estavam “decepcionados” com esses veredictos. Algumas semanas depois, Ahmed Hafez, porta-voz do Ministério das Relações Exteriores do Egito, respondeu dizendo: “É inapropriado comentar ou abordar as decisões judiciais egípcias”. Esse foi o fim de tudo. A cada ano, **o governo dos EUA fornece ao Egito 1,4 bilhão de dólares em ajuda**, a maior parte para os militares; a cada ano, os **EUA fazem um grande alvoroço** ao reter um pouco mais de 100 milhões de dólares desse dinheiro com base na defesa dos direitos humanos, embora o recurso seja posteriormente liberado para o Egito com base na “segurança nacional”. Há muito alarde sobre “direitos humanos”, mas nenhuma preocupação real com o estrangulamento dos processos democráticos dentro do país. “No escuro”, escrevem Douma e Alaa, “desejamos luz”. Mas no escuro, os negócios de armas e a “segurança nacional” deixam de lado as considerações sobre democracia e direitos humanos.



Slimen El Kamel (Tunísia), *Lobos*, 2016.

A Primavera Árabe – cujo centro foi a Praça Tahrir – está em ruínas. A Tunísia, onde todo o processo começou, luta com um governo que suspendeu suas instituições democráticas na esperança de enfrentar a crise social que antecedeu a pandemia de Covid-19, mas foi exacerbada por ela. Em 14 de janeiro, aniversário da derrubada do presidente Zine el-Abidine Ben Ali, em 2011, o Partido dos Trabalhadores da Tunísia liderou uma **marcha** da Praça da República de Túnis até o Banco Central com o slogan “Sem populismo, sem fundamentalismo, sem reacionários”. Eles se opuseram ao antigo regime de Ben Ali, aos islamistas e agora à

presidência “populista” de Kais Saied. O Partido dos Trabalhadores ressaltou que a crise econômica, que foi exacerbada pelo Fundo Monetário Internacional e que provocou a revolução de 2011, continua sem solução. As **Nações Unidas também expressaram sua preocupação** com o uso de forças de segurança interna na Tunísia para reprimir direitos políticos básicos.

No Marrocos, a situação é terrível. O regime político centrado em torno do rei Mohamed VI é chamado de Makhzen (termo que significa “armazém”, referindo-se ao local onde os subordinados do rei eram pagos). A fortuna do rei vale entre 2,1 bilhões e 8 bilhões de dólares em um país onde quase **uma em cada cinco pessoas vive abaixo da linha da pobreza** e onde o **sofrimento social aumentou durante a pandemia**. Em 2015, depois que o movimento de 20 de fevereiro abalou a sociedade em 2011, visitei o escritório de Rabat da **Associação Marroquina para os Direitos Humanos** e ouvi uma síntese realista sobre a falta de liberdades políticas básicas no país. Como bravos defensores dos direitos humanos em outros países, os marroquinos que conheci listaram os nomes de pessoas presas injustamente e deram um retrato da dificuldade de construir “um Estado de verdade e de direito” no país.



Mohamed Melehi (Marrocos), *Chama rosa*, 1972.

Na época, ouvi falar do caso de Naâma Asfari, que havia sido detido em 2010 e cumpria uma pena de trinta

anos por seu ativismo pela ocupação do Saara Ocidental. Seu caso e o de Khatri Dadda, um jovem jornalista sarauí preso em 2019 e condenado a vinte anos, chamou a atenção de Mary Lawlor, relatora especial da ONU sobre a situação dos defensores dos direitos humanos. Em julho de 2021, **Lawlor disse**: “Não apenas os defensores dos direitos humanos que trabalham em questões relacionadas aos direitos humanos no Marrocos e no Saara Ocidental continuam sendo injustamente criminalizados por suas atividades legítimas, eles recebem sentenças de prisão desproporcionalmente longas e, enquanto presos, são submetidos a tratamento cruel, desumano, degradante e torturas”. Fotos desses dois homens e inúmeros outros são frequentemente encontradas nos escritórios de organizações de direitos humanos e advogados trabalham incansavelmente para eles. São pessoas como Alaa e seus camaradas em lutas semelhantes em lugares tão distantes quanto a Colômbia e a Índia.

Durante os últimos anos, o Makhzen tentou estrangular o principal partido de esquerda do Marrocos, o Caminho Democrático. Ele reprimiu e difamou seus ativistas que tentam se organizar publicamente e está **impedindo** o partido de usar locais públicos para realizar seu V Congresso este ano. Apesar dos obstáculos, militantes do Caminho Democrático começaram o novo ano pedindo uma **luta conjunta** das forças populares e exigiram que as liberdades e os direitos humanos sejam respeitados e que os presos políticos sejam libertados, incluindo membros do **Movimento Rif**, que mobilizou centenas de milhares de pessoas para exigir direitos sociais e justiça depois que um vendedor de peixe foi morto por um compactador de lixo da cidade, em 2016. O Caminho Democrático também se opõe ao repressivo Makhzen e apoia a autodeterminação do povo sarauí.

Desde 1975, o Estado marroquino anexou o Sahara Ocidental, mas tem pouca base legal para esta ocupação. Em agosto de 2020, o governo dos EUA assinou os **Acordos de Abraham**, o que significava que Marrocos e Emirados Árabes Unidos reconheçam Israel (e efetivamente a ocupação permanente da Palestina) em troca de acordos de armas e reconhecimento dos EUA da anexação do Saara Ocidental pelo Marrocos. A Frente Polisario (o movimento de libertação do povo sarauí) se opôs a esses acordos à medida que as **tensões crescem ao longo da fronteira Marrocos-Argélia**. O Caminho Democrático também se posicionou corajosamente contra os acordos que lhe renderam uma maior repressão do Makhzen.



O Marrocos está na 136ª posição – de 180 países – no Índice Mundial de Liberdade de Imprensa de 2021, organizado pelo **Repórteres Sem Fronteiras**. Uma das razões para esta má posição é a violação da liberdade de expressão de jornalistas e escritores marroquinos como Omar Radi, Maati Monjib, Hicham Mansouri e Abdel-Samad Ait Ayyash. **Fatima al-Afriqi** escreveu energicamente sobre as ameaças que enfrentou: “Mensagem recebida. Oh, guardas com suas metralhadoras atrás de sacos de areia de memórias e sonhos do meu crânio... Entendi você quem inspeciona minhas fraquezas e possíveis erros. Levanto a bandeira branca e declaro derrota, e me retirarei do campo de batalha”. Ela continua sua corajosa vigília.

Omar Radi, que como Alaa está em sua cela na prisão de Oukacha, em Casablanca, nos manda uma

mensagem: “Tirania não é destino; a liberdade tem de ser alcançada, mesmo que demore muito tempo. Além disso, se é chegada a minha hora de pagar o preço em nome desta condenada nova geração, que nasceu antes do Antigo e do chamado Novo Regime, então estou disposto a pagar com toda a coragem, e irei rumo a meu destino com um coração calmo e sorridente, e com uma consciência tranquila”.

Omar, Alaa, Fátima, Ahmed e outros presos políticos ao redor do mundo não irão rumo a seus destinos. Estaremos ao lado deles. Estamos aqui. Enquanto estivermos vivos, ficaremos de pé.

Cordialmente,

Vijay.